

A PESQUISA ETNOGRÁFICA NA OBRA DE BERNARDO CARVALHO

Juliana Vittorazze Schroden - UFU

Quem é aquele que narra a existência e o modo de vida do outro? Como acontece a construção da identidade do narrador a partir de sua visão desse outro? Ao mesmo tempo, é importante a comparação no que diz respeito à questão da identidade cultural entre o objeto de análise e o narrador desse objeto. A valorização da vivência, em detrimento da experiência, para Diana Klinger, é característica da antropologia pós-moderna.

A vivência, diferente da experiência, implica certo imediatismo, certa “conexão com a verdade do eu”. Nos romances de Carvalho *Nove Noites* e *O sol se põe em São Paulo*, o narrador etnográfico, não coloca seu relato no lugar de um conhecimento sobre o outro, nem pretende falar em nome dele, mas narra sua vivência subjetiva, na relação com o outro. (KLINGER, 2007, p.58)

A análise do antropólogo Clifford Geertz, um dos principais antropólogos do século XX (e considerado o fundador de uma das vertentes da antropologia contemporânea - a chamada Antropologia Interpretativa, que floresceu a partir dos anos 50), a respeito do assunto, em sua obra *O antropólogo como autor* assim como em todos os seus textos apresenta problemas com a identidade, com o que significa ser um indivíduo. “Não surpreende nem se trata de um fato notório que um etnógrafo precise fazer uso de recursos narrativos para apresentar os resultados da sua investigação, ou que um narrador de ficção incorpore trechos de descrição etnográfica a um relato basicamente romanceado” (GEERTZ, 1989, p.49).

Geertz afirmou que o problema humano no estudo antropológico não é de estranhar o outro, mas de estranhar a si mesmo, e ele aconselhava os estudiosos a se conhecerem melhor antes de analisarem outras sociedades.

Algumas décadas depois, o historiador James Clifford “focaliza os modos de representação etnográfica [...] no contexto cultural do modernismo literário e artístico europeu. Nesse percurso, explora de modo original as fronteiras sempre móveis entre história, literatura e antropologia no século XX” (José Reginaldo S. Gonçalves na apresentação de *A experiência etnográfica*).

Em *A experiência etnográfica*, Clifford trata da “subjetividade etnográfica”, desenvolvida a partir do início do século XX. Segundo ele,

[...] a antropologia moderna pressupunha uma atitude irônica de observação participante. A condição de descentramento num mundo de distintos sistemas de significado, uma situação de estar na cultura e ao mesmo tempo olhar a cultura, permeia a arte e a escrita do século XX. A subjetividade etnográfica é composta pela observação participante num mundo de “artefatos culturais” ligado a uma nova concepção de linguagem – ou melhor, linguagens – vista como distintos sistemas de signos (CLIFFORD, 1998, p. 101).

Na América Latina, muitos pensadores trabalharam a questão do romance etnográfico por uma vertente mais política, pelo simples fato de estudarem sociedades nas quais ou estavam inseridos ou que, com as quais, de alguma forma se relacionavam. Para o professor Eduardo Tollandal, em *Dilemas do Engajamento*,

O papel da crítica em relação ao romance lido como etnográfico seria verificar como se dá, por meio da representação ficcional, a “reabilitação” dos grupos sociais traumatizados pelo processo histórico [...] Nesta ficção, as personagens representativas do atraso deixam de ser vistas como figuras exóticas para serem vistas como agentes – ou não – da própria história. Logo, são personagens constituídas em relação à organização social da produção e ao relacionamento entre os homens neste sistema produtivo. Acrescente-se a esta visão marxista alguns componentes da cultura popular: costumes, valores, ritos, práticas e mitos da vida popular são resgatados como símbolos diferenciadores de uma identidade nacional brasileira (TOLLENDAL, 2000, p.4)

Martin Lienhard, em *Etnografia e ficção na América Latina*, afirma que é difícil a observação com olhar um tanto sereno e outro tanto indiferente como exige a prática científica. Ele afirma ainda que o gênero do que chama de romance-testemunho, deriva da combinação, num mesmo texto, de uma intencionalidade ao mesmo tempo etnográfica e ficcional. “Acrescente-se ainda que a própria etnografia (documental ou ficcional) em muito vem se afastando dos seus propósitos tradicionais descritivos para transformar-se, muitas vezes, em alegação (política) da diferença ou de resistência cultural” (LIENHARD, 1999, p. 115).

É justamente pelo contato com o exterior que o imaginário do indivíduo vai se formando. É o que pensa a respeito desse exterior, como o explica e como explica sua própria origem. Até o que refuta é formulado a partir das criações mentais. O indivíduo apreende o que vê e faz conexões mentais sobre esse objeto. “*A vista diz muitas coisas de uma só vez*”.

Todo esse aparato teórico pode ser bem empregado na análise de dois romances que gostaria de trabalhar por encontrar neles a possibilidade de se explorar a questão do narrador personagem no romance etnográfico, ou etnografia ficcional. O indivíduo se compele e se decompele no encontro com um *outro* que o faz, a partir dos arquétipos existentes na natureza humana criar seus próprios mitos a respeito de si e desse mesmo *outro* em se torna.

A obra de Bernardo Carvalho tem por característica fundamental o encontro de culturas diferentes. Foi assim em *Nove em Noites*¹ e em *O Sol se põe em São Paulo*². A sua narrativa, especialmente nessas obras, retrata as relações humanas sob o olhar de um narrador-personagem que apresenta características de um etnógrafo. Olhar esse que apesar de impregnado, em alguns momentos, de juízos de valor e críticas, em outros se mostra com grande neutralidade no que diz respeito às histórias que ouve e assimila em conversas com as outras personagens às quais observa e analisa sob a ótica social.

O narrador de Bernardo Carvalho é um excelente ouvinte, curioso e investigador. Mostra-se receptivo ao que o outro tem a dizer, ainda que não seja livre de preconceitos, além de não fazer questionamento sobre a veracidade dos fatos narrados. Apenas ouve e observa. Assim como um etnógrafo em um campo de pesquisa, que tende a buscar a maior neutralidade possível sem interferir no que observa a sua volta, ainda que possua suas próprias crenças e conclusões a respeito do que vê e ouve.

Como exemplo, temos em *Nove Noites* o narrador e sua uma relação emocional com os indígenas que relata. Quando esse mesmo narrador vai a campo para investigar a morte de Buel Quain – um antropólogo que suicidou quando pesquisava o povo Krahó – e retoma o contato com as aldeias, esse contato é acompanhado de um estranhamento, porém, quanto à recepção dos relatos, esta é permeada de uma neutralidade quase científica na tentativa de obter informações mais coerentes com a realidade.

Assim como em *Nove Noites*, em *O sol se põe em São Paulo*, o narrador se desloca de um lugar a outro, a fim de investigar as relações estabelecidas entre as personagens em caráter sócio-cultural. Ele viaja por meio da cultura do povo, no caso, a japonesa, que se estabeleceu no Brasil. O narrador vai à busca das raízes da imigração ocorrida e quais as conseqüências da influência desse processo nas relações sociais e culturais desse povo. Nessa obra, o narrador se apresenta mais neutro que na anterior, aproximando-se mais do etnógrafo na práxis.

Em ambos os casos, há uma experiência de campo, uma relação entre o pesquisador e o objeto de estudo o que ora acontece com certo grau de neutralidade, ora sucede em uma participação mais ativa desse narrador personagem que em muitos momentos se identifica ou se distancia das personagens analisadas, mas que sempre se mantém fiel a pesquisa, mesmo quando não resulta em nenhuma conclusão precisa.

E a busca por respostas nem sempre leva o narrador desses textos por um caminho seguro. A insegurança e falta de respostas concretas são características da modernidade. A fragmentação e descrença peculiares desse tempo moderno e ocidental em confronto direto com a tradição de culturas orientais ou indígenas presentes nessas obras de Bernardo Carvalho dão o ar de novidade que Octavio Paz traduz como sendo “invenção de formas ou combinação das antigas de uma maneira insólita, descoberta de mundos desconhecidos ou exploração de zonas ignoradas nos conhecidos” (SILVA, 2006, p. 44-45).

Tanto o narrador de *Nove Noites* quanto o de *O Sol se põe em São Paulo* são personagens urbanos, envolvidos com a escrita e que entram em contato com culturas extremamente diferentes do seu meio habitual. O narrador principal de *Nove Noites* se vê entre os indígenas do Mato Grosso, experiência esta que lhe remete ao passado conturbado junto ao seu pai em suas viagens de férias para aldeias no Xingu. Já em *O Sol*, percebemos um narrador semelhante que encontra, de certa maneira, suas raízes em encontros com uma personagem japonesa que lhe narra sua história de vida no Japão de anos atrás.

¹ CARVALHO, Bernardo. *Nove Noites*. São Paulo. Companhia de bolso, 2006

² CARVALHO, Bernardo. *O Sol se põe em São Paulo*. São Paulo. Companhia da Letras, 2007

Com base em Antoine Compagnon, “é moderno o que rompe com a tradição e é tradicional o que resiste à modernização” (SILVA, 2006, p.42), Bernardo Carvalho traz para o leitor uma relação entre o moderno – ou seja, o que rompe com a tradição por meio de sua obra que não tem compromisso com a linearidade ou com regras ligadas a determinados movimentos literários – e o tradicional, quando os leva ao universo de sociedades que transmitem, geração a geração seus costumes e crenças. Podemos encontrar especificamente em *Nove Noites*, a personagem do antropólogo Buel Quain que, de uma forma, rompe com a própria origem familiar e vai conviver com os indígenas e estudá-los, ainda que se sinta, muitas vezes, desconfortado com essa relação. Ele parte de uma cultura e civilização moderna para analisar a tradição pura, os costumes e a relação social em uma cultura que, até então, muito pouco ou nada possuía de traços de modernidade.

David Harvey, em *Condição pós-moderna* afirma que

Realidades radicalmente distintas podem coexistir, colidir e se interpenetrar. Em consequência, a fronteira entre ficção e ficção científica sofreu uma real dissolução, enquanto as personagens pós-modernas com frequência aparecem confusas acerca do mundo em que estão e de como deveriam agir com relação a ele. A própria redução do problema da perspectiva à autobiografia, segundo uma personagem de Borges, é entrar no labirinto: “Quem era eu? O eu de hoje estupefato; o de ontem, esquecido; o de amanhã, imprevisível?” (HARVEY, 1993, p.46)

Em suas obras, Bernardo Carvalho traz inúmeros impasses culturais e pessoais presentes na modernidade. Inclusive a ruptura da tradição e a resistência dessa tradição em muitas sociedades ou segmentos da civilização ocidental. O passado e futuro dialogam num mesmo universo, amplamente diverso em âmbito mundial.

Para Maria Ivonete,

O argumento de Octavio Paz para elaborar o conceito de convergência parte de uma nova concepção da realidade que passou a integrar a subjetividade, a emoção, a espiritualidade e o sentimento do homem em face de um mundo fragmentado desconcertante pela sua absoluta falta de sentido. A arte e a literatura traduzem, em termos de um profundo questionamento de seus próprios meios de expressão, essa busca de sentido. (SILVA, 2006, p.51)

As relações estabelecidas entre os homens são abordadas por Bernardo Carvalho como sendo desconstruídas e sem sentido, especialmente entre o “civilizado” e o “selvagem”, ou entre duas culturas distantes geograficamente e temporalmente como o Japão e Brasil, nas obras citadas acima. Não há uma orientação já que não há uma realidade única e permanente para confortar e reconduzir as personagens no tempo e no espaço. Para Tocqueville “Desde que o passado deixou de lançar sua luz sobre o futuro, a mente do homem vagueia nas trevas” (ARENDRT, 1993, p. xiv). Eduardo Jardim de Moraes, em seu prefácio da obra “*A vida do espírito*”, de Hannah Arendt reitera que “O poder iluminador das ideias sobre o mundo e o universo, do modo como conceberam os filósofos, desapareceu – e com isso perdeu-se a segurança que havia de compreender o mundo e nele se orientar”. (ARENDRT, 1993, p. xiv)

Acrescenta ainda que Hannah Arendt considerou como cerne da crise da tradição ocidental a descrença no conceito básico de verdade.

Na procura de uma verdade que não é bem clara nem para o narrador, ele tenta entender esse mundo de rupturas justamente indo ao encontro com a tradição. E quando encontra essas culturas que ainda a mantêm ele entra em choque com o que se apresenta em sua frente. Ele se choca, pois pode ver as situações com “olhos livres”³, sem o “auxílio da tradição”⁴, a própria tradição na qual enxerga-se envolvido de alguma maneira. Ele tem assim, como disse ainda Eduardo Moraes, a “possibilidade de compreender o modo de ser do pensamento liberado dos encargos normativos que tradicionalmente lhe eram atribuídos”. (ARENDRT, 1993, p. xv).

É inevitável, porém, perceber que por mais tradicional que seja um povo cada cultura tem suas rupturas a partir do momento que encontra outras culturas, que se miscigena ou mantenha qualquer espécie de intercâmbio com elas. Uma sociedade indígena na qual os homens se casam com mulheres de outras

³ MORAES, Eduardo Jardim. Prefácio à edição brasileira. In ARENDRT, Hannah. *A vida do espírito*, p. xv

⁴ Ibidem, xv

aldeias sofre influência do modo de vida delas. Há então, em maior ou menor grau, uma ruptura com algum costume. Porém é mantida a tradição de se casarem com mulheres de outras aldeias.

No caso dos Krahô, sociedade investigada pelo narrador de Bernardo Carvalho em *Nove Noites*, há dois momentos distintos. Num primeiro, em que o antropólogo Buel Quain os estuda é ainda mantida grande parte dos costumes locais, a tradição foi pouco rompida. E, na atualidade, quando o narrador vai até a aldeia em busca de informações sobre o antropólogo o que se vê é um intenso contato desse povo com a população da cidade, e grande parte da tradição foi-se rompendo com tempo.

O narrador tenta então uma reconciliação dos tempos, nesse período moderno. O texto sempre converge com o tempo em que é escrito e Bernardo Carvalho tem sua obra contemporânea em convergência com o leitor que vive no período da informação crua, com muitas opiniões a cerca de diversos assuntos, porém nenhuma direção precisa a seguir.

Essa característica da literatura moderna não permite que o leitor se distancie da sua realidade, ao invés disso, o faz repensá-la e reavaliá-la. Isso lhe credita maior habilidade em lidar com situações do seu cotidiano repleto de desencontros e perspectivas muitas vezes frustradas. Na literatura, ele encontra a cumplicidade de seu tempo pela vivência das personagens e busca por respostas como ele o faz.

Tanto em *Nove Noites* quanto em *O Sol se põe em São Paulo*, erros são provocados por pistas desconstruídas que as personagens vão dando ao narrador, mas o autor engendra as histórias numa construção que “desconstrói” a percepção do seu leitor da verdadeira intenção, não só dessas personagens como também dele próprio ao escrevê-las. E, dessa maneira, sua obra transcreve toda uma relação existente entre os sujeitos modernos com respeito ao conceito de verdade. As mudanças ocorridas nas diversas modernidades as fazem convergir para a crença de que não existe somente uma única verdade, mas várias, de acordo com a cultura, percepção e vivência de cada povo, cada indivíduo e a sociedade na qual está inserido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEAU, René. *A ciência dos símbolos*. Lisboa: Edições 70, 1976

ARENDT, Hannah. *A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar*. 2ª Ed., Trad. Antônio Abranches e Cesar Augusto R. de Almeida. Rio de Janeiro: Relume dumará, 1993

BACHELARD, Gastón. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2ª Ed. São Paulo. Martins Fontes, 2008

BERND, Zilá. *Dicionário de figuras e mitos das Américas*. Proto Alegre: Tomo Editorial/Editora da Universidade, 2007

CARVALHO, Bernardo. *Nove Noites*. São Paulo. Companhia de bolso, 2006

_____. *O Sol se põe em São Paulo*. São Paulo. Companhia da Letras, 2007

DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo: Cultrix, 1988

_____. *Campos do imaginário*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 6. ed. São Paulo: Loyola, 1993

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro. O retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007

LLOSA, Mário Vargas. *O Falador*. Tradução de Remy Gorga Filho. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1988

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Coleção Os Pensadores. São Paulo. Abril S.A., 1976

SILVA, Maria Ivonete Santos. *Octavio Paz e o Tempo da Reflexão*. São Paulo. Scortecci, 2006

WELLEK, Rene e WARREN, Austin, *Teoria da Literatura*. Trad. José Palla e Carmo. Lisboa: Europa-América, 1971

WHITE, Hyden. *Trópicos do discurso: Ensaio sobre a crítica da cultura*. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2001